



Victor-Hugo Forjaz*

Vergonhas... sísmicas!

1 – Bem diz o povo que “a verdade vem sempre à tona”.

Foi o que sucedeu com a crise sísmica de S. Jorge, iniciada a 19 de março de 2022. O CIVISA não a esperava, teve medos inconfessáveis e sem evidências de erupção vulcânica, etiquetou-a de crise sismovulcânica! Durante algumas semanas a equipa CIVISA andou a “patinar” em assuntos movediços; um dia era sismovulcânica e logo a seguir, por uns instantes, era sismotectónica... Pelo caminho a missão CIVISA foi medindo silenciosos gases vulcânicos... que nunca apareceram.

Para dificultar a interpretação do fenómeno, a equipa universitária conseguiu a visita de Suas Exas. o Presidente da República e o Presidente do Governo dos Açores. Estes ilustres senhores não resistiram à tentação de, também, emitirem “pareceres”, ou seja, que os cientistas da UAçores estavam muito certinhos quanto a inserirem as centenas de sismos e microsismos no nível V4 numa escala caseira de alertas vulcânicos, quase desconhecida.

Durante semanas, governantes e habitantes da ilha de S. Jorge estiveram mergulhados num pesadelo de haver ou não haver vulcãozinho terrestre ou submarino. Durante semanas, levei, indiretamente, inacreditáveis e ofensivas contra-opiniões, uma vez que considerei a crise, **desde o início**, como sismotectónica.

2 – No passado dia 12 de junho de 2022 ocorreu um facto quase que milagroso, ou seja, o CIVISA anunciou, como lista de mercearia, que foram registados, aproximadamente, 37.810 eventos de baixa magnitude e de **origem tectónica**. Não sei o que significa “aproximadamente” pois os registos e as contagens não devem ser aproximados. Mas o comunicado deste dia 12 de junho tem a virtude de dar o dito por não dito, assentando que o enxame de sismos era de origem tectónica. CIVISA **dixit** ... e assim todo o povo dormiu mais descansado.

Eu esbocei sorrisos de comiserção e – finalmente o bom senso oficial era formalmente impresso.

3 – Comecei a estudar sismologia dos Açores com nomes sonantes tais

como o Eng.º Frederico Machado (amigo de família), o Tenente Coronel José Agostinho (na Terceira), o Dr. António Alcântara de Mendonça Dias (no Observatório do Relvão em Ponta Delgada), o Professor Aroun Tazieff (Paris), o Doutor Alfred Hirn (também em Paris), o US Geological Survey de São Francisco e do Hawai, etc., etc.

Uma das muitas coisas que me ensinaram foi como comunicar com colegas, com o povo... e com os jornalistas. E aprendi a fazer comunicados e a realizar sessões de esclarecimento para as TVs e rádios, naquele caso, existindo desenhos e esquemas sintéticos e elucidativos. Tais veículos são muito (muito) importantes em sociedades de elevada iliteracia científica e de fenomenologias complicadas. Esses figurinos ainda se mantêm e requerem sensibilidades que dependem do dia e da hora do evento, das horas dos comunicados e até das envolvências políticas.

Apesar dos afastamentos de que fui alvo e da fraqueza (falta de firmeza) dos responsáveis políticos por essas ilhas abaixo ainda tenho fiéis contactos. Foi o que novamente ocorreu com a passada crise sismotectónica de São Jorge, em que os cientistas oficiais inseguros e medrosos enveredaram por atabalhoadas “explicações”, como se os leitores ou ouvintes fossem totalmente analfabetos...

4 – Quanto custaram aqueles dias de confusões e de inóspitos comunicados? Apesar de algumas destas cientistas serem naturais daquela ilha. Foi uma triste ideia para lá mandarem gentes nervosas, sem experiência efetiva de situações vulcânicas. Pior ainda foram as atuações de políticos de topo da República e da Região.

Como vulcanólogo, adoro cooperar em vulcões ativos. Mas, em outras terras que não sejam a minha...

* *Vulcanólogo/ Prof. Catedrático*

“Centros Históricos: Desafios Emergentes” em debate no Centro Natália Correia

O Centro de Estudos Natália Correia vai acolher, no próximo dia 23 de Junho, pelas 18h00, um debate subordinado ao tema “Centros Históricos: Desafios Emergentes”, iniciativa promovida pela Secção Regional dos Açores da Ordem dos Arquitectos que conta com o apoio da Câmara Municipal de Ponta Delgada (CMPD).

Da sessão de abertura farão parte o Presidente da CMPD, Pedro Nascimento Cabral, e o Presidente do Conselho Diretivo da Secção dos Açores da Ordem dos Arquitectos (OA), Nuno Costa, cujas declarações serão seguidas de três apresentações e posterior debate.

O debate “Centros Históricos: Desafios Emergentes” contará com um painel de especialistas formado por Daniel Miranda, Licínio Tomás e Alexandra Gesta, sendo moderado por Filipe Mota, vogal do Conselho Diretivo Regional dos Açores da OA.

As intervenções vão incidir sobre

a importância de se repensar e proceder à requalificação das baixas citadinas, diante das exigências colocadas pela sociedade contemporânea ao nível ambiental, social, cultural e, como tal, em termos de mobilidade e sustentabilidade.

Como pode ser lido no descritivo geral do programa da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Arquitectos, “chegados ao século XXI, as políticas europeias, a vulnerabilidade ambiental e a qualidade do espaço habitado, público e privado, acentuam a necessidade de uma reflexão profunda e alargada sobre os desafios emergentes dos Centros Históricos”.

Alexandra Parada Barbosa Gesta é licenciada em Arquitetura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Integrou a Câmara Municipal de Guimarães, tendo criado o Gabinete do Centro Histórico, dirigido o projecto que em 2001 classificou a cidade de Guimarães como Património

Cultural da Humanidade (UNESCO) e coordenado o projecto da Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012.

Licínio Manuel Vicente Tomás é licenciado em Sociologia e mestre em Sociologia e Realidade Portuguesa, ambos pela Universidade Nova de Lisboa, e doutorado em Ciências Sociais com a Especialidade Sociologia, pela Universidade dos Açores.

As suas áreas de estudo prendem-se essencialmente com demografia, envelhecimento, idade, ciclos de vida, gerações e turismo, área em que efetua pesquisa desde há 4 anos no âmbito do turismo sustentável e do turismo sénior.

Daniel Soeiro Miranda é licenciado em Geografia e Planeamento pela Universidade do Minho, pós-graduado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano e em Economia e Políticas Urbanas no Instituto de Geografia e Ordenamento do Terri-

tório. É sócio fundador da APRUPP - Associação Portuguesa para a Reabilitação Urbana e Protecção do Património, da qual é atualmente vice-presidente.

Integra o quadro permanente da Quaternaire Portugal, Consultoria para o Desenvolvimento S.A., desde 2001, assumindo em 2007 funções de consultor coordenador, onde tem vindo a participar e coordenar projectos, estudos e assessorias nos domínios do planeamento estratégico, políticas urbanas, planeamento e ordenamento do território, desenvolvimento regional e local, primordialmente em Portugal, mas também em Angola e Timor-Leste.

Nos últimos anos, tem centrado a sua actividade nos domínios da habitação, reabilitação e regeneração urbana. O debate “Centros Históricos: Desafios Emergentes” será transmitido online em canais a anunciar oportunamente.